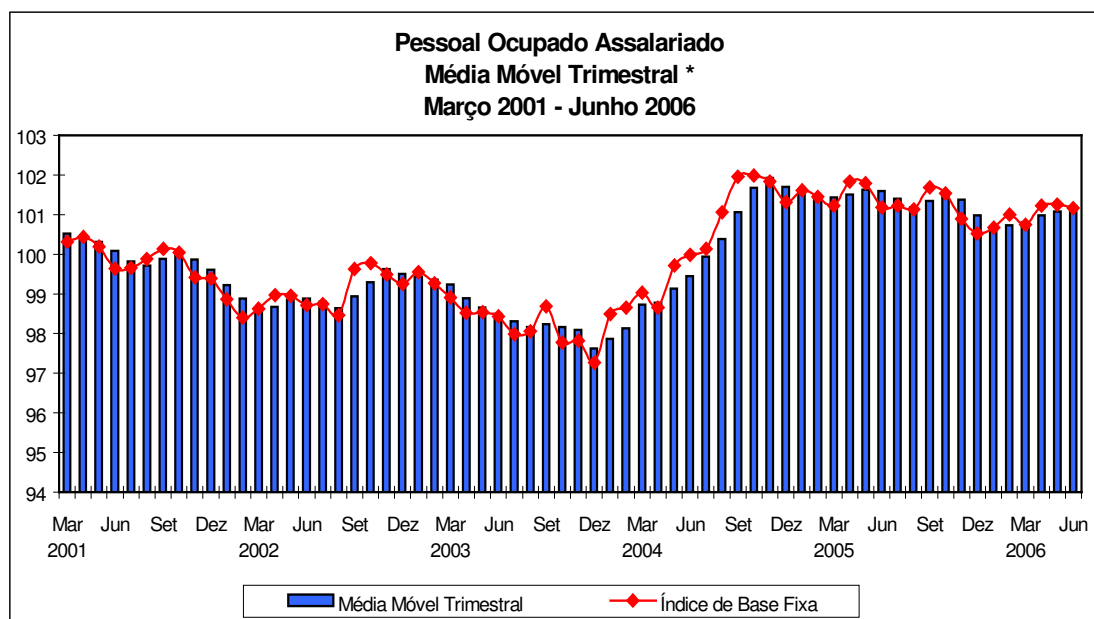


Comentários

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em junho, o emprego industrial apresentou ligeira variação negativa (-0,1%) frente a maio, na série livre de influências sazonais. A mesma taxa foi assinalada no confronto com junho de 2005 (-0,1%). O indicador acumulado no ano mostrou queda de 0,5% e o acumulado nos últimos doze meses apresentou recuo de 0,3%. O número de pessoas ocupadas mostrou redução de 0,4% no segundo trimestre de 2006, frente ao mesmo período de 2005, porém foi 0,4% maior do que no trimestre imediatamente anterior (série ajustada sazonalmente).

A tendência apontada pelo indicador de média móvel trimestral é de estabilidade, com variação de 0,1% entre os trimestres encerrados em junho e maio.

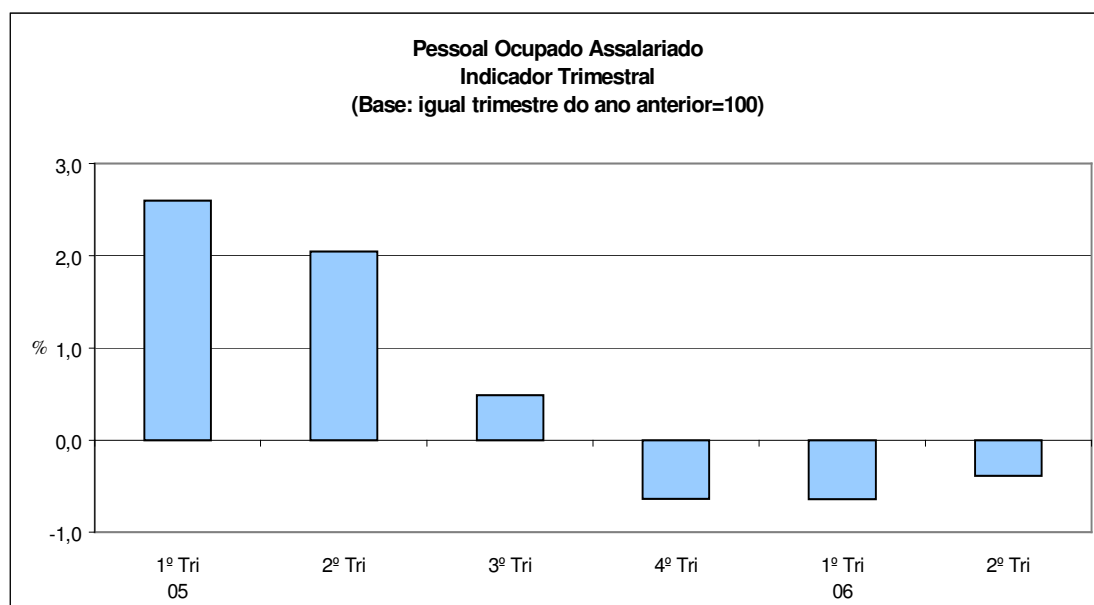


No confronto com junho de 2005, nona taxa negativa consecutiva (-0,1%), sete dos quatorze locais e dez dos dezoito setores pesquisados registraram decréscimo no contingente de trabalhadores. Os principais destaques regionais foram Rio Grande do Sul (-8,5%), região

Nordeste (-1,6%) e Paraná (-2,2%). Na indústria gaúcha, calçados e artigos de couro (-20,1%) deu a contribuição negativa mais relevante; na indústria nordestina e na paranaense, a principal pressão negativa veio de vestuário, com queda de 4,1% e 10,7%, respectivamente.

No total do país, calçados e artigos de couro (-12,6%), máquinas e equipamentos (-6,4%) e vestuário (-5,5%) foram os setores que exerceram as principais pressões negativas. Em sentido contrário, alimentos e bebidas (7,4%), máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (5,9%) e refino de petróleo e produção de álcool (12,8%) foram os destaques positivos. Entre as áreas pesquisadas, região Norte e Centro-Oeste (9,8%), São Paulo (1,1%) e Pernambuco (3,2%) lideram os impactos positivos na composição do índice geral.

Os índices trimestrais, na comparação com igual período do ano anterior, mostram que a redução no emprego industrial foi em ritmo mais moderado entre o primeiro (-0,6%) e o segundo (-0,4%) trimestres deste ano. Este é o terceiro trimestre consecutivo de queda no emprego.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

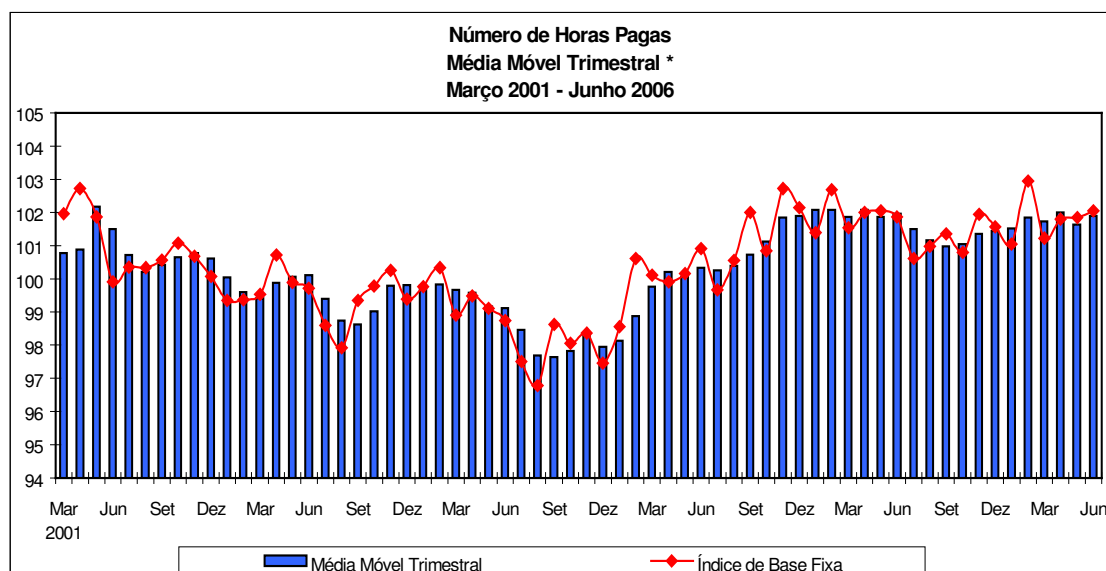
No acumulado no primeiro semestre de 2006, o pessoal ocupado assalariado apresentou decréscimo de 0,5%. No total do país, onze setores sobressaíram com influência negativa, sendo as mais relevantes as de calçados e artigos de couro (-13,4%), máquinas e

equipamentos (-7,9%) e madeira (-11,8%). Por local, as contribuições mais importantes entre os oito que reduziram o contingente de trabalhadores vieram do Rio Grande do Sul (-9,1%), região Nordeste (-2,8%) e Paraná (-3,3%). Por outro lado, região Norte e Centro-Oeste (9,7%), São Paulo (0,8%) e Minas Gerais (2,0%) foram os locais onde se observou aumento no nível de emprego, enquanto em termos setoriais, no total do país, os principais acréscimos foram verificados em alimentos e bebidas (8,8%), máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (5,6%) e meios de transporte (2,9%).

O indicador acumulado nos últimos doze meses permanece em trajetória decrescente, com recuo de 0,3%.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em junho, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria assinalou variação positiva de 0,2% em relação a maio, já descontados os efeitos sazonais. O indicador de média móvel trimestral aumentou 0,3% entre os trimestres encerrados em junho e maio.



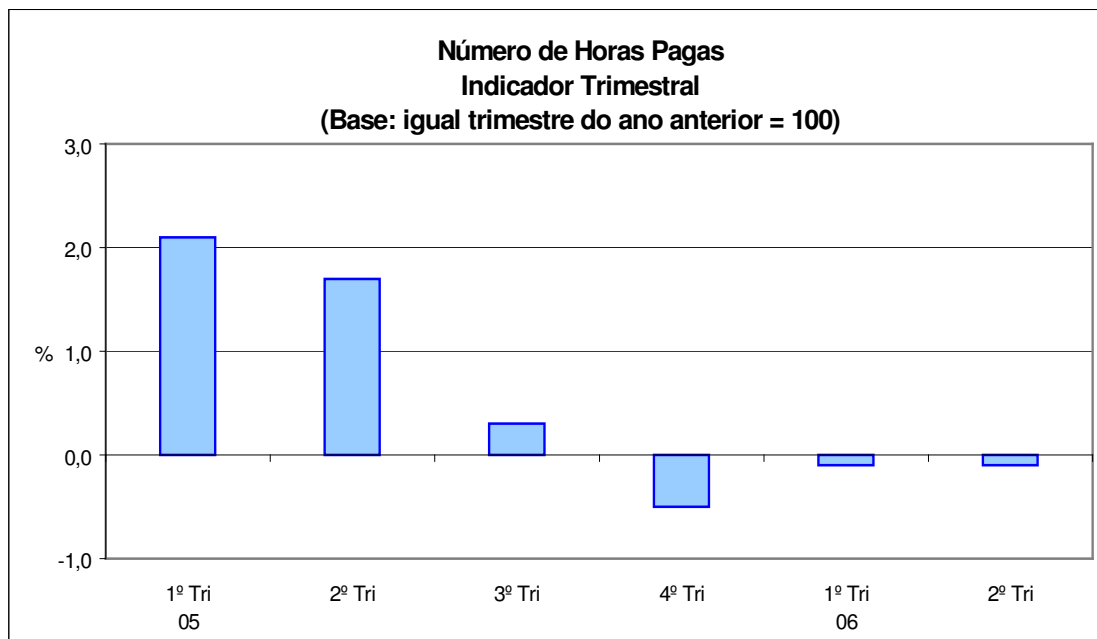
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
 *série com ajuste sazonal

Na comparação com igual mês do ano anterior, o número de horas pagas cresceu 0,2%, enquanto os indicadores para períodos mais abrangentes, acumulado no ano e acumulado nos últimos doze meses, apresentaram variação negativa de 0,1%.

O número de horas pagas, segundo o indicador mensal, registrou acréscimo de 0,2%, com seis dos quatorze locais e oito dos dezoito ramos pesquisados pressionando positivamente este resultado. No corte setorial, as maiores pressões positivas vieram das atividades de alimentos e bebidas (5,8%), máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (9,1%) e refino de petróleo e produção de álcool (16,1%). Por outro lado, calçados e artigos de couro (-8,1%) e vestuário (-6,3%) foram os impactos negativos mais relevantes no cômputo geral.

Ainda na comparação mensal, os locais que sobressaíram como as principais influências positivas no resultado geral foram São Paulo (2,5%), região Norte e Centro-Oeste (8,3%) e Minas Gerais (1,4%). Na indústria paulista, nove das dezoito atividades aumentaram o número de horas pagas, sendo as contribuições mais expressivas as de alimentos e bebidas (8,1%), máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (10,6%) e outros produtos da indústria da transformação (10,9%). Na região Norte e Centro-Oeste, alimentos e bebidas e máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações, ambos com taxa de 18,2%, exerceram as maiores pressões positivas. Na indústria mineira, coube ao segmento de alimentos e bebidas (13,9%) o maior impacto positivo. Em sentido contrário, as principais pressões negativas vieram do Rio Grande do Sul (-8,1%) e Paraná (-3,9%), onde calçados e artigos de couro (-11,4%) e madeira (-14,2%) sobressaíram, respectivamente, como os principais destaques.

Em base trimestrais, a variação no índice do número de horas pagas ficou estável na passagem do primeiro (-0,1%) para o segundo trimestre de 2006 (-0,1%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior.

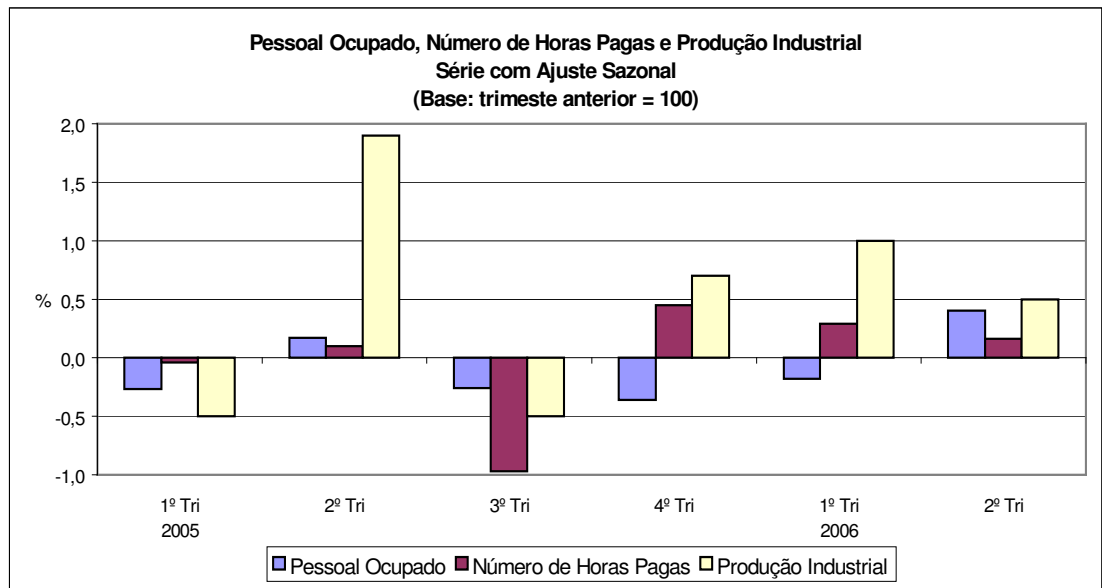


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

O acumulado no período janeiro-junho registrou variação negativa de 0,1%, com nove áreas e onze setores contribuindo negativamente no índice geral. Os locais responsáveis pelas principais quedas foram Rio Grande do Sul (-8,1%), Paraná (-5,3%) e região Nordeste (-2,9%). São Paulo (2,3%) e a região Norte e Centro-Oeste (9,7%) exerceram as maiores pressões positivas. Em termos setoriais, os impactos negativos mais relevantes, no total do país, vieram de madeira (-13,9%) e máquinas e equipamentos (-6,5%). As indústrias de alimentos e bebidas (6,6%) e máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (9,7%) responderam pelos principais impactos positivos.

O índice acumulado nos últimos doze meses assinalou variação de -0,1%, mantendo trajetória descendente desde junho de 2005 (2,7%).

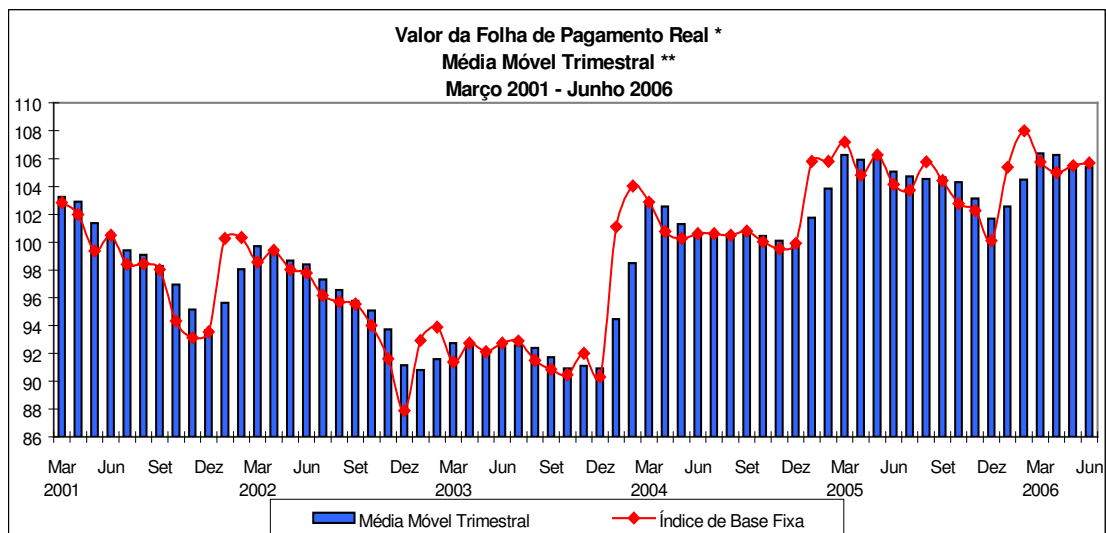
Os indicadores trimestrais, na comparação com o trimestre imediatamente anterior (série ajustada sazonalmente), mostram que no período abril-junho de 2006, pela primeira vez desde o segundo trimestre de 2005, há crescimento para as três variáveis: 0,4% no emprego, 0,2% no número de horas pagas e 0,5% na produção.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

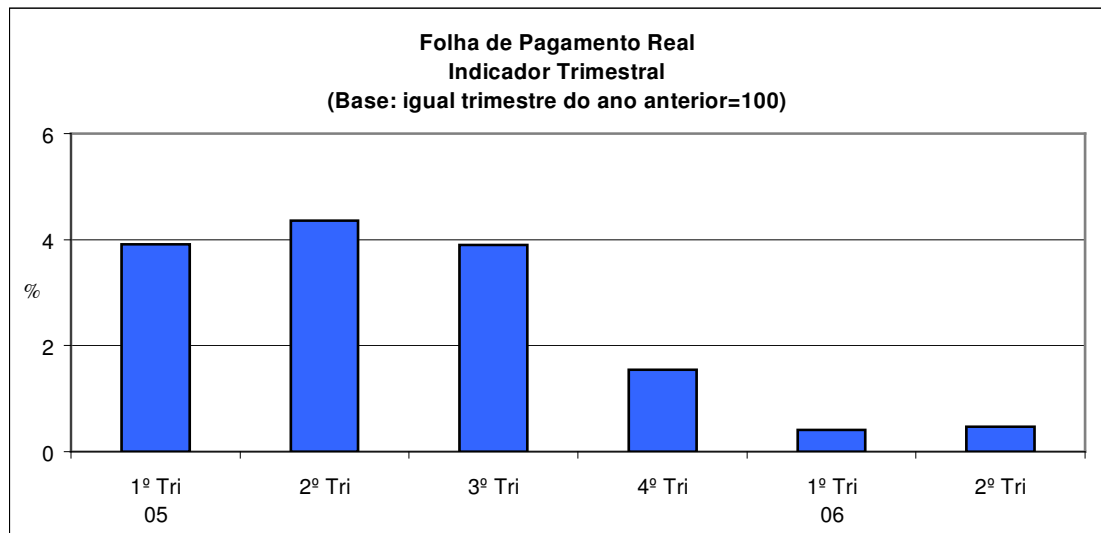
FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em junho, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria, na série livre de influências sazonais, cresceu 0,2% em relação ao mês anterior. Com este resultado, o segundo positivo consecutivo, a folha de pagamento real acumula expansão de 0,7% desde abril deste ano. Nos demais indicadores, na comparação com iguais períodos do ano anterior, os resultados também foram positivos: 1,4% em relação a junho de 2005, 0,5% no segundo trimestre, 0,4% no acumulado no ano e 1,6% no acumulado nos últimos doze meses. O indicador de média móvel trimestral, após recuar por dois trimestres consecutivos, mostrou crescimento nulo (0,0%) entre os trimestres encerrados em junho e maio.



No confronto junho 06/ junho 05, a folha de pagamento real apresentou acréscimo de 1,4%, com taxas positivas em nove dos quatorze locais pesquisados. A principal contribuição veio de Minas Gerais (9,2%), devido, principalmente, à metalurgia básica (17,8%), máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (24,9%) e máquinas e equipamentos (18,2%). Vale citar, ainda, São Paulo (1,3%), em função, sobretudo, dos aumentos em produtos químicos (30,2%) e máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (18,8%); e região Norte e Centro-Oeste (5,6%), por conta de máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (28,8%) e alimentos e bebidas (6,5%). Do lado negativo, as maiores pressões vieram do Rio Grande do Sul (-6,3%) e Paraná (-3,5%), influenciados, respectivamente, pela redução em calçados e artigos de couro (-15,8%) e produtos de metal (-9,1%); alimentos e bebidas (-10,1%) e madeira (-11,5%). Em termos setoriais, ainda neste tipo de comparação, houve aumento real na folha de pagamento em nove dos dezoito segmentos. As maiores influências positivas vieram de produtos químicos (13,3%) e máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (16,3%). Em sentido contrário, os principais recuos foram observados em máquinas e equipamentos (-9,4%) e calçados e artigos de couro (-8,3%).

Em bases trimestrais, o valor da folha de pagamento apresentou ligeiro aumento no ritmo de crescimento, na passagem do primeiro (0,4%) para o segundo trimestre deste ano (0,5%), ambas as comparações contra igual período de 2005.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

O indicador acumulado no primeiro semestre registrou expansão de 0,4% no valor real da folha de pagamento, com acréscimo em oito dos quatorze locais. As maiores contribuições positivas vieram de Minas Gerais (7,4%), sobretudo devido aos meios de transporte (15,7%) e metalurgia básica (5,3%); e da região Norte e Centro-Oeste (7,8%), em função de alimentos e bebidas (11,4%) e máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (24,4%). Por outro lado, Rio Grande do Sul (-7,9%) e Paraná (-5,5%), por conta, respectivamente, de calçados e artigos de couro (-22,2%) e alimentos e bebidas (-9,6%), foram os locais onde se observaram as principais reduções. No total do país, houve ampliação na folha de pagamento em oito dos dezoito ramos. As influências positivas mais relevantes vieram de produtos químicos (12,0%) e máquinas, aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (12,1%), enquanto máquinas e equipamentos (-10,5%) e calçados e artigos de couro (-12,9%) foram as principais pressões negativas.

No indicador acumulado nos últimos doze meses, a folha de pagamento real registrou diminuição no ritmo de crescimento em junho (1,6%) e permanece em trajetória descendente desde janeiro de 2005.